

Os índios do Coxодоá e a Funai

O jornal "A Crítica" com data de 04-07-81 alertou a opinião pública sobre a "organização de uma expedição ao rio Coxодоá, onde antropólogos do Cimi encontraram um grupo de índios arredios e desconhecidos". Em resposta com data de 09-07-81 o regional do Cimi Norte I informou por uma nota de que o grupo de Pastoral Indigenista de Lábrea já acabara de realizar o terceiro contato com os índios do Coxодоá, sendo convidados a conviver com os indígenas durante três dias na maloca. Ainda segundo a nota: "Faz exatamente um ano que os índios do Coxодоá foram contatados pela primeira vez pelo mesmo grupo da Prelazia de Lábrea. Desde então o Cimi Norte I se empenhou junto a Presidência da Funai pela interdição da área, que constantemente sofre invasão de sorveiros e madeireiros. Chamou atenção também para a futura construção da BR 230, a Transamazônica Lábrea-Benjamin Constant. Os missionários responderam ao silêncio da Funai colocando por conta própria placas indicativas na boca dos igarapés Pretão e Coxодоá, proibindo a entrada na respectiva área indígena. O Cimi atua desde 1978 na área dos rios Cuniú e Tapsuú, levando o projeto de contatação dos índios do Coxодоá, e dando igualmente apoio aos índios Sansuú-Yafi, Paumari e Deni. A equipe iniciou também o trabalho de contatação de um grupo de índios arredios no rio Branco".

Dois anos depois o Jornal do Comércio com data de 04-08-83 lançou uma nota do delegado da Funai, Kazuto, informando que a expedição da Funai iria ao rio Coxодоá. "Uma expedição da Fundação Nacional do Índio, composta por 15 técnicos, estará seguindo neste final de semana para a cabeceira do rio Coxодоá, no Alto Purus, para dar continuidade aos contatos com os índios arredios "Coxодоá". A expedição será comandada pelo conhecido sertanista Sebastião Amancio... O delegado regional da Funai revelou que esta expedição é de grande importância para o órgão, uma vez que os índios "Coxодоá" ainda são arredios, embora tenham mantido contatos anteriores com técnicos da Funai... A expedição levará medicamentos e vacina. Os técnicos deverão passar pelo menos 45 dias naquela região e farão, além do levantamento de conhecimento da área, os serviços de prestação de assistência aos índios... Todos os membros da expedição são altamente preparados". Também desta vez o Cimi Norte I respondeu com nota de 09-08-83 no Jornal do Comércio e na Crítica, informando que a atração desses índios pela Funai se mostraria completamente desnecessária e até se tornaria ridícula, uma vez que o contato já vem sendo feito pela equipe da Prelazia de Lábrea.

"O Cimi, desde 1980 vem pedindo a Funai para que agilize a demarcação das terras dos índios do Coxodóá, resguardando assim a sua sobrevivência, já ameaçada pela frente extrativista..."

A expedição da Funai chegou na boca do Coxodóá no início do mês de outubro de 1983, sendo chefiada pelo sertanista Sebastião Amancio da Costa e composta pelo parense comandante da lancha e de 16 índios (Maimiri-Atroari, Wai-wai, Ririó, Tucano e outros inclusive Deni da região e dos falando tal o português). A equipe que se encontrava trabalhando naquela área, deslocou-se até o Coxodóá afim de investigar algo sobre o trabalho da Funai.

Sebastião Amancio explicou os motivos porque a Funai veio: ignorando o trabalho até hoje realizado pelo Cimi, a Funai teria vindo cumprir o Estatuto do Índio, especificamente contatar os índios arredios do Coxodóá. Teriam tido conhecimentos anteriores sobre a localização do grupo, inclusive fora feito um sobrevôo em 1975, antes daquele do Cimi. O trabalho do Cimi seria ineficiente, improdutivo e careceria de competência, alegando como motivo a falta de um PI para atração e integração indígena. O Cimi não somente nunca teria pedido licença à Funai para o trabalho de atração, mas teria provocado esta Fundação no sentido de solicitar exclusivamente a interdição da área, frisando que não se interessava no processo de contatção. Teriam vindo diretrizes de Brasília afim de efetuar vacinações na comunidade indígena dos Coxodóá, solicitadas com urgência pelo próprio Cimi. (Resolmente por oficial de 20-0)-2 o Cimi Norte I denunciou à primeira delegacia e à residência da Funai o fato de que "os filhos dos serveis contrairam o saramo, por isso qualquer contato deles com os índios poderá decretar a extinção do grupo", reforçando com insistência "que a equipe de demarcação de terras da Funai se desloque até a região afim de que se inicie o processo de integração...". Teria sido encaminhado um pedido oficial de Neves Tribos com o intuito de levar adiante o projeto do Coxodóá, "assunto que será avaliado e resolvido depois dessa expedição". No final da conversa, o problema de atração dos índios guerreiros passou a uma simples verificação, trabalho de rotina.

Projeto da Funai: A equipe constatou a abertura de um grande varadouro saindo da beira do rio Cuni e a ser cercado com o varadouro dos índios dentro do área é do índio, levando até as respectivas malocas, para facilitar os trabalhos pr postos também durante o longo período do verão: a montagem de um PI ou fora ou dentro da maloca, e a construção de um campo de pouso na maloca. Neves placas de interdição da área seriam colocadas nas bocas do Riozinho e Coxodóá. Admitindo a hipótese de falta de verbas para a montagem da infra-estrutura, poderia acontecer que o projeto fosse

entregue a Novas Tribos, caso Brasília não aprovasse (Novas Tribos atualmente estão na maloca Marrecão dos índios Deni, próximo a área do Coxodóá). Para que a "turma do Vaticano" concorresse no leilão dos índios do Coxodóá, teriam que se apresentar em janeiro na LADR.

Alguns slogans ideológicos:

O santanista expressava sua crença no positivismo, isto é, que o progresso (frente econômica de extrativismo) era uma realidade imprescindível, sendo como remenda necessária uma rápida integração no sistema econômico regional, mesmo com o risco de desaparecimento de grupos "geneticamente fracos". Esse processo de integração ocorreria por "livre vontade" dos índios, fato esse ilustrado pelos "servidores da Funai", os índios expedicionários Waimiri e Atracari que colaborariam neste sentido. Referente à interdição da área por meio de placas indicativas, não se teria força jurídica para impedir o avanço da frente econômica regional. Placas não seriam mais que sinais de advertência. Não se poderia criar um problema social, visto que os sorveiros que produzem dentro da área e que são aviados a longo prazo dependem da economia regional.

Apontamentos sobre o último contato da equipe de contatação

Desde o primeiro contato em 1980, os trabalhos tem mostrado elementos progressivos de aproximação, convergendo para uma linha de aceitação e confiança. Prevalencia a preocupação de respeito e conservação de seu sistema defensivo, que apesar de nos as penetrações, não podia ser destruído. Talvez fosse por experiências anteriores (doença, luta) que eles tivessem se afastado para uma área relativamente isolada. O maior número dos indígenas está na faixa etária de jovens, dando impressão de que a comunidade esteja se recuperando de um passado desgraçado e se firmando neste último reduto. Sendo conhecedores do Riosinho e Coxodóá e conseqüentemente sabedores da exploração de sorva, berracha, copaiba e madeira, como também da localização dos pequenos núcleos de brancos, continuam evitando qualquer contato pacífico, a não ser que sejam excursões para adquirirem mais ferramentas (o último ocorreu no Coxodóá em 82, levando cochozros e ferramentas consigo). Até hoje todas as tentativas dos sorveiros avançarem, foram brutalmente barradas, os sorveiros desarmados e expulsos. (Este ano Chico Severo e uns frequentes de Noné Sena trabalharam no agarrapé dos índios, apesar da placa indicativa de interdição da área. Perdidas armas e ferramentas e expulsos, viraram-se na placa, acabando com ela. A tentativa de fechar o Coxodóá, provavelmente foi lavada ao conhecimento da Funai, possibilitando-a para tirar o pescal do Cimi e garantir a sobrevivência dos pequenos sorveiros (leia: dos grandes negociantes)).

No contato de 33 fomos recebidos com muita alegria, sem ameaça de armas, como das vezes anteriores, de longe chamando "Guno" (Günter), levandonos logo à maloca e indicando o lugar para atarmos as redes. O tuxaua informou-se sobre as plantas que tínhamos levado (cana, semente de urucum, milho, etc.) e ficou radiante ao saber que nossa roça estava indo bem. Contou as últimas novidades sobre caçadas e nós também relatamos as aventuras. Embora tivessem pedido muitas ferramentas, levamos apenas umas facas e uns anzóis. Como sempre, fomos pintados de urucum e desta vez vestidos com tanga e suspensório. Fazíamos observações sobre sua cultura material (cerâmica, fabrico de armas, de redes, preparo do veneno, etc.), e de sua cultura imaterial (participação na rodada do "chiná", preparação para a festa da moça). No segundo dia fomos convidados a percorrer todos os roçados cheios de plantações, enquanto os guerreiros faziam revista no acampamento. Regressando à maloca, percebemos uma certa decepção, que gerava tensões temporárias. À noite brincadeiras, ensinado rimas e cantos, participação no "chiná". Embora nossa pretensão fosse permanecer o mês inteiro na maloca, ocorreu o desalojamento já no terceiro dia, novamente insistindo em levar presentes (pachado, terçado, pedra de amolar). Desta vez mostravam-se prestativos, ajudando a carregar os presentes e dando "carona" de canoa até o acampamento. Talvez esperassem pelos presentes pedidos ou não quisessem nossa presença durante os dias de festa.

Até hoje não houve necessidade de um trabalho de contatação apressado pelos seguintes motivos:

1. Subsistência (agricultura, caça, etc.) amplamente garantida.
2. Saúde intacta, apesar dos vários contatos (ensinamos a temer o corpo suado do branco de maneira que nos últimos contatos pediam que deixássemos às roupas suadas fora da maloca com também não fazem questão de usá-las).
3. Sistema de auto-defesa e controle da área: os índios evitam contatos com os brancos, embora a área próxima seja invadida por duas frentes dos ^{dois} respectivos rios, e impedem penetrações avançadas, desarmando e expulsando os invasores. Preocupamo-nos em conservar e estimular esse sistema deixando-lhes as decisões, mesmo tendo que passar por testes de desafios, e não tentamos conquistar tampouco, a confiança com excesso de presentes ou por atitudes de superioridade. Esse respeito está abrindo uma porta a uma lenta inculturação em nível de aprendizado.

Considerando os motivos acima mencionados e esperando por um convite para uma permanência mais prolongada, tínhamos decidido realizar no máximo duas penetrações ao ano, e dar mais atenção para um relativo controle da área. Optamos por um ponto de apoio no Riozinho (casa, roçado, etc.) afim de possibilitar a permanência á naquela área e reforçar os avisos de interdição.

Como será o trabalho de contatção da ui para frente? Inaceiável seria a proposta de um trabalho paralelo (trabalho alternativo contra indigenismo oficial).

Como seria um Convênio entre Funai e Arreluzia (Gimi)?

E Como seria partir para briga, lutando pelos objetivos mencionados?

Em todo caso resta a esperança de que a Funai desta vez não escape do controle e seja expulsá. Iria dar-nos tempo para uma contatção mais intensiva, levando em consideração a mudança da realidade. No entanto um sem-número de presentes em cada acampamento poderia acabar também com o sistema de auto-defesa dos índios do Coxodá...

Terezinha Weber
Guenther Sobieski
Pinto

Lábrea, 01/11/83